MILHO

CONDIÇÕES CLIMÁTICAS FAVORÁVEIS, REABERTURA DAS EXPORTAÇÕES, EXPECTATIVA DE BOM DESEMPENHO DA AVICULTURA E SUINOCULTURA E NOVAS REGRAS DO CRÉDITO RURAL,SÃO ALGUNS DOS FATORES QUE FAZEM DO MILHO UMA ALTERNATIVA VIÁVEL NA SAFRA 1984/85. CERTAMENTE, HAVERÁ AUMENTO DA ÁREA A SER PLANTADA, A PRODUÇÃO DEVERÁ SER EQUIVALENTE À DESTE ANO E A OFERTA TOTAL, UM POUCO MAIOR.

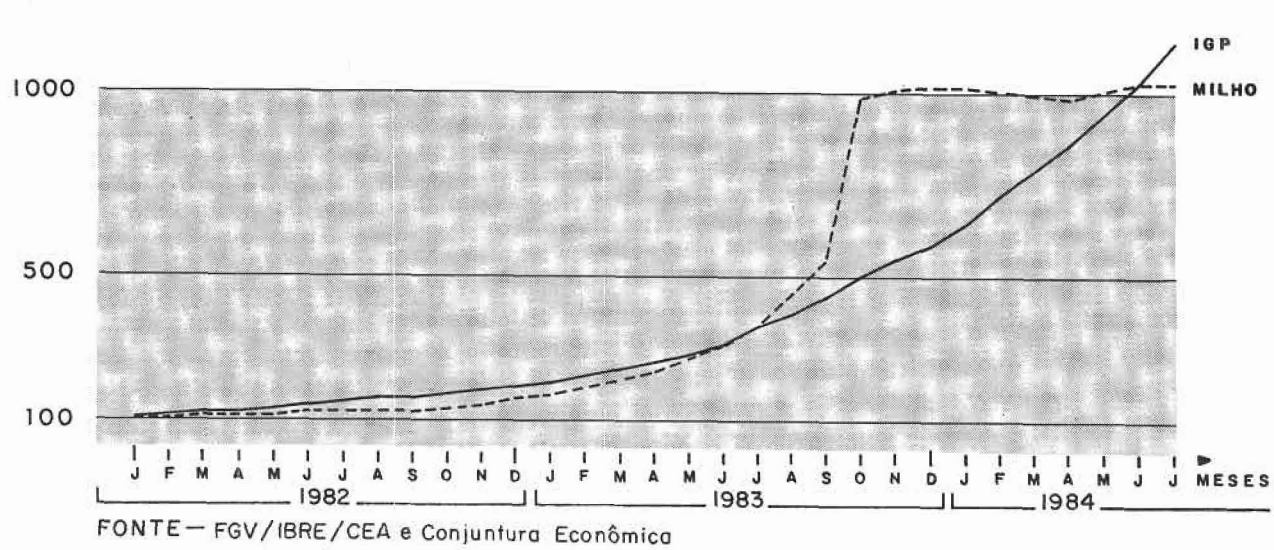
O acentuado aumento dos preços ocorrido na entressafra de 1983 não beneficiou os agricultores pois, a partir de meados do ano passado, a maior parte do milho colhido tinha sido adquirida pelo governo (**AGF**). No Paraná, principal estado produtor, a evolução dos preços recebidos pelos produtores rurais, até julho de 1983, foi muito semelhante à apresentada pelo Índice Geral de Preços (ver Gráfico 10). A partir daquele mês, porém, predominaram os preços recebidos, que atingiram o seu ponto máximo em dezembro. A baixa rentabilidade do produtor, que vendeu sem usufruir as vantagens da alta, motivou uma queda na área plantada na safra 1983/84 que, segundo o **IBGE**, foi 3,8% inferior à precedente.

As expectativas pessimistas de que, em razão da área de plantio reduzida, a produção seria menor, não se confirmaram, devido às condições climáticas favoráveis prevalecentes ao longo do ano, capazes de compensar, até mesmo, a diminuição verificada no uso de insumos modernos.

De acordo com o levantamento de julho, do **IBGE**, a safra 1983/84 deverá produzir 21,2 milhões de t, nos 12,3 milhões de ha plantados. O rendimento físico será da ordem de 1.735 kg/ha e a área colhida apresentará um aumento de 14% em comparação com a de 1982/83. Caberão ao Centro-Sul 18,3 milhões de t, 92% do total produzido, que deverá ser de 19,4 milhões de t. Os estados do Paraná (5,4 milhões de t), Rio Grande do Sul (3,6 milhões de t) e São Paulo (2,9 milhões de t) são os principais produtores. As regiões Norte e Nordeste, em conjunto, deverão colher 1,8 milhão de t (498 mil t no ano passado).

Desde o início da colheita, o comportamento do mercado foi bastante diferente do verificado na comercialização anterior. À medida que a produção avançava, a demanda se arrefecia, pela retração das atividades avícola e suinícola, que consomem a maior parte da produção de milho.

MILHO – EVOLUÇÃO MENSAL DOS ÍNDICES DE PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO PARANÁ E DO **IGP**-COL.2 – FGV
janeiro de 1982 a julho de 1984
(janeiro 1982 = 100) **GRÁFICO 10**



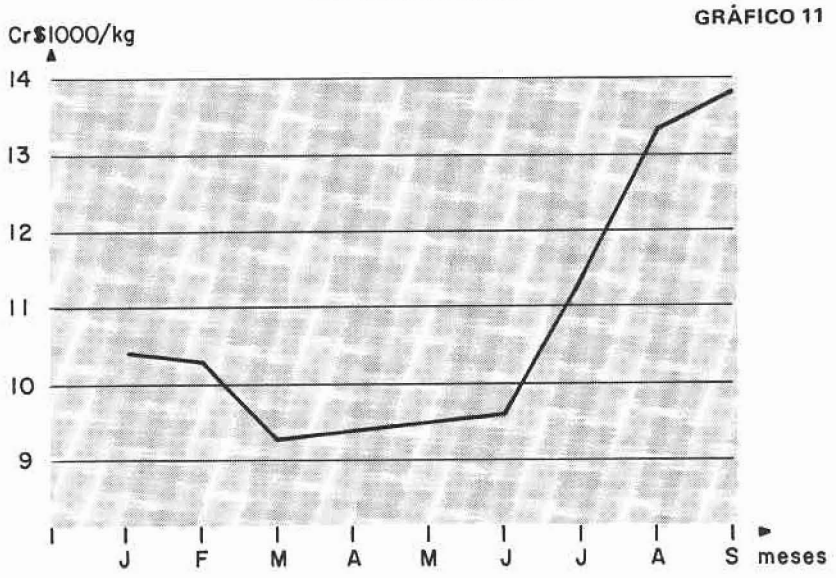
FONTE – FGV/IBRE/CEA e Conjuntura Econômica

Com base nestas evidências, a **CFP** estimou que o consumo total do milho no presente ano-safra seria muito semelhante ao de 1983 (19,7 milhões de t), devendo o estoque final alcançar 2,2 milhões de t, mais do que o dobro do último ano.

"O pequeno montante dos recursos de financiamento . . . também contribuiu para o movimento de baixa".

MILHO - EVOLUÇÃO MENSAL DOS PREÇOS NO ATACADO DA **BCSP**
(janeiro a setembro* de 1984)
* 1º/09 a 14/09

GRÁFICO 11



FONTE — Bolsa de Cereais de São Paulo

Com a desaceleração daquelas atividades, os produtores e as indústrias de ração optaram por adquirir o grão apenas para suas necessidades imediatas, o que, baixando o nível dos estoques, provocou a queda dos preços desde o início do ano.

O pequeno montante dos recursos de financiamento — liberado com atraso — para a comercialização da safra, também contribuiu para o movimento de baixa. Somente a partir de maio, com a decisão governamental de liberar recursos adicionais ao crédito de comercialização e custeio, aumentou bastante a quantidade do produto colocado em **AGF** e **EGF** (ver Quadro 13). Os produtores tiveram, então, que reter o produto recém-colhido, a fim de estancar o aviltamento das cotações. Mesmo assim, não puderam evitar que o preço recebido, embora maior do que o preço mínimo (Cr$ 6.180/kg), ficasse abaixo dos custos de produção, traduzindo-se em prejuízo no balanço final da atividade. A este respeito, um estudo desenvolvido pelo **Deral—PR** aponta o milho como o produto que obteve, naquele estado, a menor receita líquida na safra passada (ver Quadro 14).

Somente em julho deste ano, com o anúncio da reabertura das exportações, houve certo aquecimento nas cotações que, no mercado atacadista de São Paulo, aumentaram 19%. Em agosto, a tendência de alta persistiu, apresentando um aumento de 16% e, nos dez primeiros dias de setembro, uma nova elevação, de 4%, comparativamente à média do mês anterior (ver Gráfico 11).

Autorizou-se a exportação de 200 mil t, das quais apenas 168 mil foram licitadas, em sua totalidade para a **Espanha**, ao preço médio de US$ 130,25/t/**FOB**. A cautela demonstrada pelo governo federal, na época, ao deliberar sobre estas vendas, encontra raízes nos prejuízos ao abastecimento interno do grão, causados pelas exportações intempestivas realizadas no ano passado, que pressionaram fortemente o índice inflacionário de outubro de 1983.

Este **aquecimento** dos preços serviu para afastar, ainda que parcialmente, o temor de que o plantio da safra 1984/85 viesse a experimentar nova retração. Produtores e cooperativas se animaram com a liberação do comércio dos produtos agrícolas, recém-anunciada pelo governo. É certo, porém, que, além das variáveis que tradicionalmente influenciam a decisão de plantio (preço básico e **VBC's** reajustados), terão grande importância para esta safra as novas regras do crédito rural e a expectativa quanto ao desempenho da avicultura e da suinocultura.

O novo preço básico, reajustado em 251,4%, está sendo considerado

QUADRO 13 — BRASIL — MILHO — TOTAL MENSAL DOS EMPRÉSTIMOS E AQUISIÇÕES DO GOVERNO FEDERAL — JANEIRO A JUNHO DE 1984
(em t)

MÊS	AGF	EGF
Janeiro	—	—
Fevereiro	6	—
Março	804	6.900
Abril	845	111.566
Maio	2.445	347.972
Junho	5.436	269.016
TOTAL	9.536	735.454

FONTE — CFP.

QUADRO 14 – PARANÁ – COMPARATIVO ENTRE A RECEITA LÍQUIDA, CUSTO VARIÁVEL E CUSTO TOTAL – SAFRA 1983/84

PRODUTO	CUSTO DE PRODUÇÃO[1] (Cr$/unid)		PREÇO MÉDIO[2] (Cr$/unid)	CUSTO POR HECTARE		RECEITA BRUTA POR HECTARE[3]	RECEITA LÍQUIDA POR HECTARE		RENTABILIDADE	
	Variável	Total		Variável	Total		Variável	Total	RLV/CV	RLT/CT
Algodão	5.980	8.551	11.830	610.014	872.227	1.206.660	596.646	334.433	0,98	0,38
Arroz	9.612	12.582	13.570	211.472	276.802	298.540	87.068	21.738	0,41	0,08
Feijão	15.200	20.781	42.770	182.400	249.371	513.240	330.840	263.869	1,81	1,06
Milho	6.473	8.526	7.848	258.921	341.047	313.920	54.990	–27.127	0,21	–0,08
Soja	12.726	19.170	20.650	407.221	613.454	660.800	253.579	47.346	0,62	0,08

FONTE – Deral/PR.

[1] Algodão: 15 kg.
Arroz/feijão/milho/soja: 60 kg.
Incluem-se os juros pagos até a liquidação dos débitos de custeio.

[2] Obedecendo aos seguintes meses de comercialização:
Algodão – fevereiro a maio.
Arroz – fevereiro a abril.
Feijão – janeiro a março.
Milho – março a junho.
Soja – abril a julho.

[3] Adotaram-se os seguintes rendimentos médios:
Algodão – 1.530 kg/ha.
Arroz – 1.320 kg/ha.
Feijão – 720 kg/ha.
Milho – 2.400 kg/ha.
Soja – 1.920 kg/ha.



um incentivo ao plantio, tendo superado o **IGP** (217,9%). Paralelamente, o seu período de correção foi estendido até abril, dois meses a mais do que no ano passado. Supondo-se que os reajustes se dêem à taxa média de variação das **ORTN's**, de 9% mensais, o preço mínimo deverá situar-se em torno de Cr$25.900/60 kg, cobrindo o custo de produção estimado pelo **Deral–PR**, de Cr$ 25.896/60 kg, para a produtividade de 2.400 kg/ha.

Os **VBC's** para a safra 1984/85 (ver Quadro 15) registraram um aumento médio da ordem de 263%, sendo que, para a faixa mais representativa do Centro-Sul (de 1.701 a 2.000 kg/ha), o aumento foi de 272%. Ficaram abaixo dos propostos pela Organização das Cooperativas Brasileiras (**OCB**) e pelo **Deral–PR**, exceto o da faixa mencionada, que coincidiu com a proposição do Paraná.

Na nova classificação dos produtores rurais (ver Quadro 16), o valor de produção de Cr$ 97,5 milhões passa a ser a linha divisória entre pequenos e grandes agricultores. Os tradicionais plantadores de milho, em sua maioria minifundiários(*), continuam, portanto, caracterizados como pequenos produtores, pois esta categoria passa, agora, a qualificar todo agricultor cujo valor de produção alcançou até aquele limite. Isto porque, considerando-se o rendimento físico de 2 mil kg/ha (típico de um minifúndio) e o preço médio praticado na safra 1983/84, de Cr$ 8 mil/60 kg, para o citado limite de receita, corresponde uma área de 366 ha que, por sua vez, abrange grande número de propriedades antes consideradas médias.

Em 1984/85, os pequenos agricultores passarão a dispor de menos crédito oficial para o custeio da safra. Por outro lado, a maior parcela de crédito específica para o plantio das lavouras de abastecimento interno (destinada aos produtores anteriormente classificados como médios e aos que permaneceram na faixa de grandes) poderá significar incentivo ao plantio do milho nas propriedades rurais de maior porte, objetivo do governo na busca do aumento da produção.

Simultaneamente, diante das novas condições de financiamento (correção à base de 100% da **ORTN** + 3% de juros a.a.), o produtor terá que

(*) **De acordo com o *Censo Agropecuário* de 1980, quase 50% dos produtores de milho recenseados possuíam área total de menos de 10 ha.**

QUADRO 15 – MILHO – FAIXAS DOS VBC's OFICIAIS E VALORES PROPOSTOS PELA OCB E PELO DERAL/PR – SAFRAS 1983/84 E 1984/85

FAIXA (em kg)	OFICIAL 1983/84 (A)	OFICIAL 1984/85 (B)	B/A (%)	PROPOSTO OCB 1984/85 (C)	C/B (%)	PROPOSTO DERAL 1984/85 (D)	D/B (%)
Até 900	35.100	108.000	208	–	–	–	–
901 a 1.300	45.900	154.000	236	–	–	–	–
1.301 a 1.700	61.100	218.000	257	231.876	6	195.712	–10
1.701 a 2.100	71.300	265.000	272	300.054	13	264.891	0
2.101 a 2.500	84.200	309.000	267	388.283	26	370.908	20
2.501 a 3.000	100.500	370.000	268	453.998	23	399.743	8
3.001 a 3.500	111.200	406.000	265	521.402	28	468.128	15
3.501 a 4.000	127.000	472.000	272	579.257	23	527.621	12
4.001 a 5.000	149.400	547.000	266	639.479	17	–	–
Mais de 5.000	172.300	633.000	267	680.272	7	–	–

FONTES – Banco Central do Brasil, OCB e Deral/PR.

QUADRO 16 – BRASIL – PERCENTUAIS DE CONCESSÃO DE CRÉDITO – SAFRAS 1982/83, 1983/84 E 1984/85

CATEGORIA EM 1982/83 E 1983/84	PERCENTUAL DE CONCESSÃO DO CRÉDITO		CATEGORIA EM 1984/85	PERCENTUAL DE CONCESSÃO DO CRÉDITO
	1982/83	1983/84		
Pequeno (até 600 MVR)	100%	90%	Pequeno (até 2.000 MVR)	60% para soja e algodão 80% para outras culturas
Médio (de 600 a 3.000 MVR)	70%	60%		
Grande (mais de 3.000 MVR)	50%	40%	Grande (mais de 2.000 MVR)	40% para soja e algodão 80% para outras culturas

FONTE – Banco Central do Brasil.

agir com cautela, de modo a comprometer-se com os empréstimos estritamente necessários, tendo em vista a baixa rentabilidade da colheita, tanto na safra passada, quanto em 1982/83. Isto porque os custos financeiros dos empréstimos deverão alcançar 101,3%(**) em oito meses, isto é, bem próximo do que deverá prevalecer no mercado livre, estimado em 114,6%(***).

(**) Supondo-se uma evolução mensal da *ORTN* de 9% + 3% a.a.

(***) *ORTN* + 24% a.a.

A propósito, de acordo com a opinião dos técnicos da **Ocepar – Organização das Cooperativas do Estado do Paraná**, somente as lavouras de rendimento acima de 3 mil kg/ha não terão prejuízo, no caso de a comercialização dar-se ao preço mínimo projetado. Por outro lado, segundo alguns especialistas, os reajustes dos **VBC's** do milho (e de outras culturas de abastecimento interno) não terão muita significação, uma vez que a menor disponibilidade de recursos provocará uma disputa acirrada, acentuando, provavelmente, a seletividade dos bancos em favor dos produtos de exportação. Isto deverá ocorrer, mesmo levando em consideração que, doravante, a correção dos saldos de aplicação dos bancos em crédito rural será feita semestralmente. Este artifício, embora aumente os recursos obteníveis a curto e médio prazos (para o plantio e tratos culturais propriamente ditos), por outro lado, deverá dificultar a liberação da parcela destinada à colheita, a despeito da diminuição nos prazos de quitação dos empréstimos, determinados para algumas lavouras, como a soja, por exemplo (ver Quadro 17).

Como a suinocultura e a avicultu-

ra constituem peças-chave para a decisão de plantio do produtor de milho, resta, agora, analisar o desempenho dessas atividades, projetado nos médio e longo prazos. Segundo a **Associação de Produtores de Pintos de Corte—Apinco**, o fornecimento de pintos de corte, no primeiro semestre, foi 29% inferior à capacidade de produção instalada no país e 11% menos do que a de igual período do ano passado. No entanto, para o segundo semestre de 1984, a **Apinco** estima que a produção destes pintos aumentará 2%, quando comparada à do mesmo período de 1983, muito embora o semestre ainda deva ser caracterizado por uma ociosidade de 14%. Ou seja, apesar de o seu desempenho no ano estar previsto em nível quase 5% menor do que o total de 1983 e 9% inferior ao de 1982, a lucratividade do segmento avícola vem-se recompondo, o que se traduz em melhoria no preço relativo frango vivo/ração (ver **Agroanalysis**, vol. 8, nº 6).

O processo de reajustamento por que passa a suinocultura é diferenciado, tendo em vista os custos mais elevados dos porcos em relação às aves. A retração observada nos abates de suínos, desde o segundo semestre do ano passado, vem garantindo aos criadores uma remuneração mais adequada da produção. Para esse resultado, contribuíram, também, os baixos preços do milho, durante o primeiro semestre. Além disso, em estados como o Paraná e Santa Catarina, onde a industrialização da carne suína coloca os grandes grupos integradores como líderes do mercado, há uma adequação rápida da atividade criatória às novas tendências de consumo.

Portanto, não se pode afirmar que as perspectivas do plantio do milho em 1984/85 sejam tão ruins como faria crer uma avaliação apressada. Para o agricultor de pequeno porte, o milho é, ainda, uma alternativa viável, pela sua menor exigência de tratos, ao contrário das culturas normalmente competidoras em área, como o algodão ou a soja. A situação atual das atividades criatórias de animais de pequeno e médio portes e a perspectiva de normalidade no abastecimento do milho até a entrada da nova safra também compõem um quadro favorável ao plantio. Além disso, cabe lembrar que o encarecimento dos derivados do trigo tem contribuído para o aumento do consumo de alimentos à base de milho.

QUADRO 17 – BRASIL – AMORTIZAÇÕES DO CRÉDITO À COMERCIALIZAÇÃO DE MILHO E SOJA – SAFRA 1984/85

PRAZO (dias)	SOJA	MILHO (EGF CONTRATADO EM ABRIL)	MILHO (EGF CONTRATADO EM MAIO)	MILHO (EGF CONTRATADO EM JUNHO OU JULHO)
30	30%	–	–	–
40	30%	–	–	20%
90	40%	–	20%	40%
120	–	20%	40%	40%
150	–	40%	40%	–
180	–	40%	–	–

FONTE – Banco Central do Brasil.



QUADRO 18 – MILHO – OFERTA E DEMANDA MUNDIAIS – ANOS SAFRAS 1983/84[1] E 1984/85[2] – POSIÇÃO EM 13.08.84 – (milhões de t)

BALANÇO	1983/84	1984/85
Oferta	509,2	540,6
Estoque inicial	95,7	30,8
Produção	346,7	438,6
Importação	66,8	71,2
Demanda	478,4	498,0
Consumo	412,3	426,3
Exportação	66,1	71,7
ESTOQUE FINAL	30,8	42,6

FONTE – USDA.
[1] Estimativa.
[2] Projeção.

A despeito da má comercialização do produto colhido em 1984, torna-se previsível um pequeno aumento na área a ser plantada (12,3 milhões de ha foram semeados no ano passado). Esta expansão da lavoura deverá localizar-se nas áreas tradicionalmente plantadoras e, em muito menor escala, nas regiões onde a comercialização do algodão foi desvantajosa para os agricultores. Por outro lado, também é certo que o gasto do agricultor com insumos modernos diminuirá em 1984/85, podendo influenciar o rendimento físico da cultura.

Nesta hipótese, a próxima safra corresponderá a uma produção equivalente à deste ano e a oferta total deverá ser um pouco maior, devido ao estoque inicial, permitindo um abastecimento sem transtornos em 1985. Poderá, até mesmo, ocorrer um pequeno excedente. A estimativa do balanço mundial de oferta e demanda do grão não permite que se conclua pela firmeza das cotações para o próximo ano (ver Quadro 18).